

REFLEXÕES SOBRE A DURAÇÃO E A LIBERDADE EM HENRI BERGSON

Paulo de Matos Félix

Doutorando em Filosofia pela *Pontificia Università Lateranense* de Roma. Mestre em Filosofia pela *Pontificia Università Gregoriana* de Roma. Professor de Filosofia no Centro de Estudos Filosófico-Teológicos *Redemptoris Mater* de Brasília. Reitor do Seminário Missionário Arquidiocesano *Redemptoris Mater* de Brasília. E-mail: paulodematos@terra.com.br

Resumo: Temos uma experiência de atos/ações que são livres ou relativamente livres. Outras experiências, porém, acontecem sem depender da vontade do homem. Mas realmente pode-se afirmar que o agir do homem é livre ou esse agir estaria de tal modo condicionado a não poder fugir das causas de sua determinação? Ao refletir sobre uma das maiores questões sobre a qual o homem já se debruçou, a Liberdade, Henri Bergson dá sua contribuição ao introduzir o conceito na categoria de tempo, desvinculado da categoria de espaço, ao falar sobre "duração", conceito que será a base de sua obra filosófica. Confrontaremos suas posições com o pensamento de Jacques Maritain e Xavier Zubiri, para expormos algumas conclusões a que podemos chegar de sua visão da liberdade humana.

Palavras-chave: Liberdade. Determinismo. Memória. Livre-arbitrio. Tempo.

Abstract: We have an experience of acts/ actions that are free or relatively free. Other experiences, however, take place without depending on man's will. However, can it really be said that man's action is free or is that action so conditioned that he cannot escape the causes of his determination? When reflecting on one of the biggest issues that man has ever addressed, Freedom, Henri Bergson makes his contribution by introducing the concept in the category of time, detached from the category of space, when talking about "duration", a concept that will be the basis of his philosophical work. We will confront his positions with the thought of Jacques Maritain and Xavier Zubiri, to expose some conclusions

that we can reach from his vision of human freedom.

Keywords: Freedom. Determinism. Memory. Free will. Time.

Resumen: Tenemos una experiencia de actos/ acciones que son libres o relativamente libres. Otras experiencias, sin embargo, ocurren sin depender de la voluntad del hombre. Pero, ¿se puede realmente decir que la acción del hombre es libre o esa acción está tan condicionada que no puede escapar a las causas de su determinación? Al reflexionar sobre uno de los mayores temas que ha abordado el hombre, la Libertad, Henri Bergson hace su aportación introduciendo el concepto en la categoría de tiempo, desligado de la categoría de espacio, al hablar de "duración", concepto que será la base de su obra filosófica. Confrontaremos sus posiciones con el pensamiento de Jacques Maritain y Xavier Zubiri, para exponer algunas conclusiones que podemos alcanzar desde su visión de la libertad humana.

Palabras clave: Libertad. Determinismo. Memoria. Libre albedrío. Tiempo.

Sommario: Abbiamo un'esperienza di atti/ azioni che sono liberi o relativamente liberi. Altre esperienze, invece, accadono senza dipendere dalla volontà dell'uomo. Ma si può davvero dire che l'azione dell'uomo è libera o quell'azione è talmente condizionata da non poter sfuggire alle cause della sua determinazione? Nel riflettere su uno dei più grandi temi che l'uomo abbia mai affrontato, la Libertà, Henri Bergson dà il suo contributo introducendo il concetto nella categoria del

tempo, staccato dalla categoria dello spazio, per lo più quando si parla di "durata", un concetto che sarà alla base del suo lavoro filosofico. Confronteremo le sue posizioni con il pensiero di Jacques Maritain e Xavier Zubiri, per esporre alcune conclusioni che si raggiungono dalla sua visione della libertà umana.

Parole chiave: La libertà. Determinismo. Memoria. Libero arbitrio. Tempo.

Résumé: Nous avons tous une expérience d'actes/actions libres ou relativement libres. D'autres expériences, cependant, se produisent sans dépendre de la volonté de l'homme. Mais peut-on vraiment dire que l'action de l'homme est libre ou cette action est-elle tellement

conditionnée qu'il ne puisse échapper aux causes de sa détermination ? En réfléchissant à l'une des plus grandes questions que l'homme n'a jamais abordées, la Liberté, Henri Bergson apporte sa contribution en introduisant le concept dans la catégorie du temps, détachée de la catégorie de l'espace, en parlant de « durée », un concept qui sera la base de son travail philosophique. Nous confronterons ses positions avec la pensée de Jacques Maritain et de Xavier Zubiri et, enfin, nous exposerons quelques conclusions que nous pouvons atteindre à partir de sa vision de la liberté humaine.

Mots-clés: Liberté. Déterminisme. Mémoire. Libre arbitre. Temps.

INTRODUÇÃO

O homem, ao longo dos séculos, de diversos modos, deparou-se com a questão sobre a liberdade. De certa forma, todos temos uma experiência de atos/ações que podemos dizer que são livres ou relativamente livres. Outras experiências, porém, acontecem sem depender da vontade do homem. Mas realmente pode-se afirmar que o agir do homem é livre ou esse agir estaria de tal modo condicionado a não poder fugir das causas de sua determinação? Esse é um ponto fundamental para toda a filosofia e para todo o tecido social, pois se a liberdade é desconsiderada ou a capacidade de agir livremente do homem reduzida, surgem consequências imediatas sobre a possibilidade de imputar ou não, responsabilidade ao homem em diversas de suas ações, mas também, a questão sobre a natureza mais profunda do próprio homem tem que ser colocada, uma vez que esse não é meramente um vivente, mas um ser dotado de inteligência e vontade.

No presente artigo, buscarei apresentar algo do pensamento filosófico de Henri Bergson sobre a temática acima mencionada. Veremos que analisando o tempo desvinculado da noção de espaço, Bergson proporá o conceito de *duração*, conceito esse que será fundamental para todo o desenvolvimento de seu pensamento e base para sua proposta sobre a liberdade.

Na reflexão que será feita, primeiramente, buscarei contextualizar o momento no qual Bergson desenvolve seu pensamento filosófico e farei uma exposição de algumas linhas centrais de sua filosofia; em seguida, buscarei aprofundar o tema da duração e da liberdade propriamente ditas e, finalmente, apresentarei as críticas de Jacques Maritain e Xavier Zubiri ao pensamento filosófico de Henri Bergson, apresentando uma apreciação pessoal sobre sua linha de pensamento.

BERGSON: CONTEXTO E FILOSOFIA

CONTEXTO INTELECTUAL DE BERGSON

A filosofia de Bergson é desenvolvida no momento de auge do positivismo e se apresenta como uma reação a essa corrente de pensamento. Neste tempo, a psicologia é constituída como ciência positiva, despontando nomes como os de Fechner e Weber que, pela primeira vez, introduzem a ideia da medida dos estados psíquicos relativamente à sua intensidade; também aparece o nome de Wundt que desenvolve a tese da psicologia fisiológica; com Bain surge a busca por uma psicologia pura, isto é, procura-se afirmar como a vida mental não é outra coisa que a associação de alguns estados mentais com outros. Tudo isso se apoia nas descobertas fisiológicas que indicam a existência de centros nervosos ligados a funções mentais perfeitamente determinadas. O cérebro é analisado desde diversas divisões, segundo suas “funções” específicas. A sociologia, que para Comte tinha sido constituída em física social, por meio de Durkheim e Lévy-Brühl, torna-se uma ciência de costumes, e a religião, interpretada sociologicamente, é vista como uma ordenação social.

Bergson, ainda desenvolve sua filosofia sob o influxo de diversas ideias que estavam em voga, a saber: grande importância dada à matemática, vista como fundamento de todo conhecimento; o monismo materialista e evolucionista de Herbert Spencer, segundo o qual o universo é o trânsito do homogêneo

ao heterogêneo por evolução; o renascimento da metafísica como atitude diante da realidade espiritual e como afirmação de uma realidade absoluta incognoscível; a restauração do neokantianismo por meio de Renouvier; questionamentos sobre a contingência das leis da natureza; etc¹.

ASPECTOS GERAIS DA FILOSOFIA BERGSONIANA

Para Bergson, de modo especial, foi de grande importância a influência recebida do evolucionismo de Spencer, pois, a partir daqui, ele buscou aprofundar algumas questões ligadas a noções da mecânica, contudo,

embora Bergson toma como ponto de partida o evolucionismo de Spencer, distancia-se desta doutrina ao considerá-la insuficiente e incapaz de cumprir com a ideia que pretendia destacar, a saber, “o caráter criador da evolução [e] sua capacidade de inovação dentro das limitações variáveis da matéria”. O erro que o filósofo francês identificava no pensamento de Spencer obedecia ao fato de ter mal entendido o tempo real e ignorado a duração².

Desde aqui, Bergson tomará como ponto de partida de sua filosofia o estudo do tempo, mas não o tempo considerado desde as categorias do espaço, mas segundo um novo modo de concepção, isto é, como o tempo da consciência, o tempo da vida. Ao tempo assim concebido Bergson chamou de *duração*. Contudo, antes de aprofundarmos a ideia da *duração*, vejamos ainda alguns aspectos da filosofia bergsoniana.

Para nosso autor «a filosofia nasce de uma concentração do pensamento, tendo em sua base uma emoção pura»³. Mas o que pode ser entendido por

¹ Cf. ZUBIRI, X. *Cinque lezioni di filosofia*. Palermo: Augustinus, 1992, p. 108-109 (tradução nossa).

² PEÑA PÁEZ, L. M. *El acto de invención como acto libre en la filosofía de Henri Bergson. Una aproximación desde el Ensayo sobre los datos inmediatos de la conciencia*. In: “Franciscanum” LV (2013), 135-161. p. 137 (tradução nossa).

³ ZUBIRI, X. *Cinque lezioni*, p. 109. Essa afirmação foi feita por Bergson em uma alocução proferida em 27 de dezembro de 1923 (Sayegh, A. *Bergson: o método intuitivo: uma abordagem positiva do espírito*, disponível em: <<http://www.eupatheia.wordpress.com/2013/07/02/10/>>. (acesso em 02/05/2016).

concentração do pensamento e emoção pura segundo Bergson?

Cada ciência, certamente, nasce de uma concentração do pensamento e produz um conhecimento que, para Bergson, será chamado conhecimento prático, não no sentido aristotélico de *tékhnē*, isto é, saber fazer, «mas a ação segundo a qual a vida utiliza as coisas em vista das suas necessidades internas. A ciência não é *theoria*, mas pensamento da realidade manipulável»⁴. O nascimento da filosofia, desde a concentração do pensamento, não está ancorado na prática, e isto não por buscar fugir do mundo no qual a prática atua, mas pelo contrário, para entrar no mais profundo do próprio mundo e chegar às suas raízes últimas. A concentração do pensamento, própria da filosofia, é uma reintegração ou retração na realidade imediata e plena. O homem, pela retração da prática, se instalará na realidade⁵.

Enquanto a concentração do pensamento na ciência se apoia sobre a emoção prévia do bem-estar e do prazer, na base da concentração do pensamento da filosofia, há uma emoção que é diferente e que somente a própria filosofia pode conceder, a saber, a alegria agradável de possuir a realidade. Vemos, assim, que se para os gregos a filosofia se apresentava como a busca da verdade, para Bergson essa será «amor no qual se convive com a realidade mesma»⁶.

No que diz respeito ao método e objeto da filosofia, Bergson falará do método intuitivo⁷, uma vez que,

O perfil adequado ao homem pós-moderno não é mais apenas o sujeito lógico, mas o sujeito intuitivo.

⁴ ZUBIRI, X. *Cinque lezioni*, p. 109.

⁵ Astrid Sayegh em sua tese de mestrado pela Universidade de São Paulo afirma: «inteligência e práxis não se adequam, portanto, a um conhecimento desinteressado da realidade virtual. Percepção e inteligência esquematizam a ação, ao passo que a filosofia possui como objeto um conhecimento que transcende a ação. Ela vai além daquilo que é visto e tocado, para simpatizar-se com a realidade essencial do objeto. É nesse sentido que filosofia e atividade prática excluem-se, pois a criação transcendente faz-se em sentido oposto ao movimento de presentificação da matéria» (SAYEGH, A. *Bergson*).

⁶ ZUBIRI, X. op. cit, p. 111.

⁷ Cf. PESSINA, A. *Introduzione a Bergson*. Bari: Laterza, 2010, p. 12.

A experiência cognitiva deve consistir, portanto, no conhecimento do espírito pelo espírito, no conhecimento de realidades não sensíveis, através de uma visão direta de seu objeto⁸.

Através da intuição, se chegará ao absoluto como objeto da filosofia, sendo que o absoluto deve ser entendido como o fato imediatamente dado, tomado em si e por si mesmo. Somente nesse fato será possível encontrar e afirmar a liberdade. Para compreendermos melhor a concepção bergsoniana de liberdade, faz-se mister um aprofundamento de sua concepção da *duração*, sendo assim, buscarei conjugar o tema da *duração* e a realidade da liberdade. Será uma exposição breve, fazendo referência a algumas ideias centrais sobre esse ponto crucial da filosofia para Bergson.

A DURAÇÃO E A LIBERDADE

A DURAÇÃO

O tempo do qual Bergson fala ao se referir à *duração*, é o tempo da consciência, o tempo da vida, «o qual é contínuo, uma vez que nossos atos são indivisíveis»⁹. Como ele mesmo afirma, a vida humana não é uma peça de teatro construída por cenas que podem ser separadas entre si e na qual a unidade seria apenas fictícia, mas há continuidade na profunda unidade da *duração*. Bergson indica que não se pode querer falar de liberdade ao modo kantiano, isto é, recorrendo ao mundo *noumenico* ou às formas *a priori*¹⁰. Para não se cair nesse erro, é suficiente rever a noção de tempo e diferenciá-la suficientemente da noção de espaço, pois,

se o tempo, assim como o percebe a consciência imediata, fosse um homogêneo como o espaço, a

⁸ SAYEGH, A. *BERGSON*.

⁹ PEÑA PÁEZ, L. M., 2013, p. 139 (tradução nossa).

¹⁰ Cf. PESSINA, A. *Il tempo della coscienza. Bergson e il problema della libertà*. Milano: Vita e Pensiero, 1988, p. 283 (tradução nossa).

ciência o teria tomado sobre si como o espaço. Ora, nós buscamos demonstrar que a duração e o movimento, enquanto tais, fogem ao conhecimento matemático, o qual reduz o tempo à simultaneidade e o movimento mesmo à imobilidade¹¹.

De fato, quando se recorre a uma coisificação linguística da espacialização da realidade, acaba-se por se ter uma visão que leva em conta só o exterior do homem e que reduz o vivido ao mundo externo, mas o vivido corresponde à continuidade mesma da vida humana e requer «a heterogeneidade profunda dos estados que organiza entre si»¹². A vida do homem não se reduz ao mundo externo, mas no mundo externo o homem manifestará a sua interioridade e a unidade da totalidade do seu ser.

Sobre o tempo como *duração*, Lina Maria Peña Páez no artigo já citado, remete-se à obra de Gilles Deleuze¹³ na qual o autor descreve três propriedades da *duração*, a saber, a continuidade, a heterogeneidade e a simplicidade.

Afirmar que a duração é contínua e heterogênea significa que se divide mudando de natureza e não de grau, como ocorre na divisão de índole matemática, própria do espaço. Que a divisibilidade implique uma diferença de natureza, significa que não existe a possibilidade de dois momentos iguais na duração [...] o caráter de simplicidade da duração deve ser entendido em termos de fusão de elementos diversos na duração¹⁴.

Aquilo que corresponde à *duração* na sua continuidade, heterogeneidade e simplicidade é a dimensão qualitativa da realidade. Analisar a realidade temporal de outro modo seria um retrocesso, uma vez que «se se prescindisse, de fato, deste aspecto qualitativo se continuaria

¹¹ BERGSON, H. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963, p. 153 (tradução nossa).

¹² JANKÉLÉVITCH, V. *Henri Bergson*. Morcelliana, Brescia, 1991, p. 55 (tradução nossas).

¹³ A obra à qual a autora faz referência é: Deleuze, G. *El bergsonismo*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1987.

¹⁴ PEÑA PÁEZ, L. M., 2013, p. 141-142.

a falar do eu como coisa, se permaneceria, na ótica do espectador/ator»¹⁵. Esse seria um modo de seguir os passos dados pela ciência ao longo dos tempos, isto é, essa realizou uma cisão entre duração e extensão, entre qualidade e quantidade; da mesma forma, a inteligência discursiva, para exprimir fenômenos internos, acabou se adequando a essa imposição e não se deu conta que o vivido não se submete a alguma representação numérica. Como o papel da ciência é o de medir e prever, não é de se surpreender que aconteça uma incessante adequação do objeto ao seu objetivo e não vice-versa. Segundo Bergson, nasce dessas premissas o problema da liberdade, esta se alimenta dessa imposição e cria a ideia que o eu pode ser considerado como um objeto qualquer, e que nós mesmos podemos nos pensar, colocando-nos à distância de nós mesmos, assumindo uma ótica de observadores, mas os objetos estão sob uma causalidade que não permite a presença da criatividade que é própria da *duração*.

Há uma tendência espontânea para o uso de dita relação matemática de causalidade, que se constata tanto no mundo físico como no mundo psíquico; portanto, ceder a essa tendência, é anular a duração, e por conseguinte, é negar toda novidade. A atenção deve ser concentrada sobre a ideia de duração, em primeiro lugar reservada à consciência, logo aplicada segundo a modalidade própria ao universo inteiro. A duração é criadora¹⁶.

A LIBERDADE

Somente a consciência individual poderá dar-se conta da liberdade, uma vez que a liberdade é vida assumida em todas as suas consequências, sendo, portanto, vida criativa. A liberdade manifesta-se na experiência e não há como negá-la. Ela poderá ser defendida, mas não demonstrada, uma vez que como a *duração*, também ela é um dado imediato da consciência. Bergson afirma que

¹⁵ PESSINA, A., 1988, p. 286-287.

¹⁶ ÉTIENNE, J. *Bergson et l'idée de causalité*. In: "Revue Philosophique de Louvain" (1989), n. 87, 589-611. p. 609 (tradução nossa).

*chama-se liberdade a relação do eu concreto com o ato que ele cumpre. Essa relação é indefinível, precisamente porque somos livres. Analisa-se, de fato, uma coisa, mas não um progresso; descompõem-se da extensão, mas não da duração*¹⁷.

Por meio dessa definição, fica claro que a liberdade pertence à natureza do ato voluntário, pois não há experiência de liberdade onde a ação não é marcada pela consciência do sujeito agente e onde o ato, ou mesmo a simples deliberação, não é vivida¹⁸. De fato, é no ato que o homem se apreende livre. «E se apreende livre não enquanto simplesmente pensa que a sua ação (ou volição) poderia ter sido diversa, mas porque no ato vive o eu que quer»¹⁹. Bergson enfatiza que o homem, inúmeras vezes, experimenta não ser livre. Os atos não livres estão ligados à vivência exterior de nós mesmos, quando se vive mais no espaço que no tempo, quando ainda

*vivemos para o mundo externo mais que para nós: falamos mais que pensamos; 'somos agidos' mais que agimos por nós mesmos. Agir livremente significa retomar a posse de si, significa recolocar-se na pura duração*²⁰.

Para Bergson, contingência e liberdade não são sinônimos²¹. De fato, como apenas manifestado no texto citado, pode ser que se dê a contingência sem a liberdade, pois posso agir *sendo agido*, mas não acontecerá o contrário, isto é, não se dará a liberdade sem a contingência. No pensamento bergsoniano é fundamental para a experiência da liberdade que o homem se sinta autor dos próprios atos, das próprias deliberações.

¹⁷ BERGSON, H., 1963. p. 143-144.

¹⁸ Cf. PESSINA, A., 1988, p. 290.

¹⁹ *Ibid.*, p. 288.

²⁰ BERGSON, H., op. cit., p. 151.

²¹ « [...] a contingência da escolha não define a liberdade» (ROMANO, C. *Le contingent, le libre, le nécessaire*, em "Revue Philosophique de Louvain" (2006), n. 104, p. 81).

Não é suficiente fazer porque outros me indicaram que assim o fizesse. O homem deve sentir-se e ser autor, artista de seu fazer.

Sempre no contexto da contraposição entre espacialidade e *duração*, mas colocando-as em relação com o ato livre, fica claro que

o espaço pertence àquele agir voluntário, mas não livre que é próprio do homem como vivente, chamado a produzir atos para a sua sobrevivência. O homem, que vive também na memória, é aquele vivente que sabe de si e, portanto, pode querer-se e querer aquilo que quer sabendo de querê-lo e neste caso a sua voluntariedade não se confunde com a voluntariedade da atividade animal²².

Ainda falando dos fundamentos da liberdade, Bergson sublinha que o homem é livre não somente porque cumpre um ato livre, mas porque esse ato tem *duração*. A *duração* aparece como elemento fundante da liberdade. O aspecto da continuidade estará presente na caracterização do homem como livre. Assim, Bergson falará das grandes decisões do homem que marcam a sua vida ou a vida de um povo e que possivelmente não voltarão mais a serem tomadas²³.

Efetivamente, uma pessoa quando se decide por algo, acaba por ser ator da sua ação e não deixa de criar um modo de se apropriar das possibilidades que lhe foram colocadas diante, isto é, apropriar-se da realidade com a qual se deparou. Nesse sentido, o homem experimentará sua liberdade vendo a permanência/repercussão nele e no corpo social de suas escolhas. Como o próprio Bergson afirma, nesse caso é importante ter-se em conta a realidade das grandes escolhas, daquelas escolhas que, de um modo ou de outro, auto-definirão o sujeito. Contudo, é importante ter presente que essas escolhas, pela realidade da contingência, poderão em algum momento mudar.

²² PESSINA, A., 1988, p. 290-291.

²³ Cf. BERGSON, H., 1963, p. 155-156.

MEMÓRIA E AUTODETERMINAÇÃO

Chegamos a um problema: como conciliar contingência e continuidade, duração e mutabilidade? Essa conciliação é necessária, pois para Bergson não se dará liberdade fora do fundamento da *duração*. A liberdade autêntica será aquela que exprimirá a própria *duração*²⁴.

Todas essas realidades serão conciliadas na faculdade da memória²⁵.

*É na consciência, como permanência na memória de si do próprio vivido como história, que se exercita o ato livre. A deliberação atuada ontem torna-se ato hoje enquanto essa está presente no momento do ato mesmo. A liberdade é, portanto, essa presença de si a si que realiza a minha identidade como história*²⁶.

Não encontraremos uma relação causal entre a deliberação e o ato²⁷. O passado terá influência na deliberação enquanto é presente, pois dura²⁸, mas essa permanência pode dar uma ideia daquilo que será feito pelo sujeito, porém nunca oferecerá a total certeza de sua ação futura, pois, como afirma Bergson, mesmo que a pessoa viesse a conhecer todas as condições para que algo acontecesse, de fato, para saber se realmente ocorreu, seria necessário se colocar no momento mesmo no qual o ato se realiza²⁹, uma vez que os fenômenos internos não se repetem na consciência. Dessa forma, fica, também, descartada a ideia de que causas idênticas deveriam provocar efeitos idênticos.

Dito de outra forma, um efeito não está jamais contido inteiramente em sua causa, pois comporta

²⁴ Cf. PESSINA, A., op. cit., p. 292.

²⁵ Adriano Pessina em sua obra *Introduzione a Bergson*, fazendo referência à importância da memória, dirá: «A duração interior, autêntica temporalidade que implica a memória como consciência do efetivo progresso da vida do eu, é pelo contrário uma multiplicidade qualitativa que não se estende no espaço, mas se concentra no ato do mudar» (PESSINA, A., 2010, p. 11).

²⁶ PESSINA, A., 1988, p. 292.

²⁷ É importante lembrar que Bergson se depara com o determinismo seja no âmbito dos sistemas determinísticos da natureza, seja do determinismo psicológico reproposto por John Stuart Mill. Sobre o tema, veja-se: PESSINA, A., 2010, p. 12.

²⁸ Cf. PESSINA, A., 1988, p. 293.

²⁹ «Mas conceber todas as condições como dadas é, na duração concreta, colocar-se no momento exato em que o ato é realizado» (Bergson, H., 1963, p. 144).

*qualquer coisa de novo. A novidade, como tal, é sem causa, se por causa, entendemos uma pré-existência pura e simples do que aparece no tempo. Toda duração é criadora, porém o aspecto criador varia do infinitamente pequeno ao infinitamente grande: Deus é eminentemente duradouro; e do que conhecemos sua obra mais notável é o ser humano, criado para ser criador*³⁰.

Com todas essas afirmações, fica claro que na *duração* não há repetição, pois o eu que cresce não será nunca idêntico ao eu que já foi, embora seja o mesmo eu. A historicidade do vivente estará, assim, marcada pela constante novidade.

No texto *Il tempo della coscienza* de Pessina, também é apresentada a liberdade bergsoniana com a característica de autodeterminação. É importante ficar claro que Bergson não utilizou de modo direto esse termo.

*Bergson rejeita colocar o problema da liberdade como escolha entre possíveis porque considera que assumir esse delineamento signifique abrir as portas ao determinismo. Para Bergson a liberdade é, portanto, eminentemente expressão da natureza do homem: dessa natureza ele nos indicou o caráter temporal (duração) e cognoscitivo (intuição e inteligência)*³¹.

De modo semelhante, Jacque Étienne exporá em seu artigo *Bergson et l'idée de causalité* como a liberdade do eu acaba por ser autoconstrução por apropriações integrantes e sucessivas³².

LIVRE-ARBÍTRIO E INVENÇÃO

Bergson não considerará a liberdade desde a perspectiva clássica, sobretudo agostiniana, do livre-arbítrio, pois, segundo ele, considerar a

³⁰ ETIENNE, J., 1989, p. 609.

³¹ PESSINA, A., 1988, p. 293.

³² Cf. ÉTIENNE, J., op. cit., p. 610.

liberdade deste modo, equivaleria a ver o ato livre como aquele que, uma vez realizado, poderia não ter acontecido³³. Para Bergson, isto é o mesmo que colocar em plano de igualdade a duração concreta e seu símbolo espacial³⁴, assim voltaríamos novamente a uma posição determinista.

Um dos grandes erros do determinismo foi considerar que os fatores externos obrigatoriamente agiriam como causa determinante do agir da pessoa, desse modo, não se levou em conta que esses fatores não se identificam com a vontade³⁵, mas somente fornecem elementos que poderão ser acatados ou rejeitados.

É interessante que a experiência do dia a dia prova que muitas vezes as pessoas fazem coisas que, se os fatores externos fossem totalmente elementos de determinação, essas pessoas não deveriam nunca tomar tais atitudes. Basta ver a atitude de tantos pais para com seus filhos ou de tantas outras pessoas que generosamente se dedicam à caridade, apesar de situações totalmente adversas. Como não pensar na Santa Madre Teresa de Calcutá ou na Santa Dulce dos Pobres. As duas, uma na Índia e a outra no Brasil, se dedicaram à caridade sem receber nada em troca e em situações que eram totalmente contrárias. Podemos encontrar em ambas um agir criativo, pois, deparando-se com as mesmas situações que milhões de pessoas se depararam, não agiram de modo unicamente repetitivo ou segundo a exterioridade.

Concluindo esta parte, ainda é importante uma maior explicitação do que já foi mencionado, mas que precisa ser melhor trabalhado, isto é, a realidade da dimensão criativa (invenção) que é imprescindível para que um ato possa ser considerado livre.

Bergson, buscando precisar sua exposição sobre a liberdade, fará presente que o homem recebe um esquema dinâmico, algo como «uma ideia abstrata, incorpórea, essa impressão qualitativa inicial dada em nossa

³³ Cf. PEÑA PAÉZ, L. M. 2013, p. 21.

³⁴ Cf. BERGSON, H. 1963, p. 144.

³⁵ Cf. PEÑA PÁEZ, L. M., 2013, p. 145-146.

mente»³⁶, que deverá transformar em imagens, isto é, deve dar corpo àquilo que era imaterial. Assim acontece, por exemplo, quando um músico, diante de puros tons musicais, cria uma sinfonia, ou um escritor que tomando palavras escreve um romance. Contudo, esse processo é árduo, pois requer uma profundidade da consciência e um grande esforço para não ficar na superficialidade da espacialidade.

Entre o ato livre e a invenção há uma relação, essa é a tese desenvolvida por Lina Maria Peña Páez no artigo que está sendo citado, pois

*O ato livre é um ato inspirado e a inspiração surge da profundidade da consciência onde se dão as ações livres, portanto, não cabe aqui falar de causa e efeito, trata-se de antecipação, mais que de adivinhação. Nesse sentido, a antecipação proporciona uma direcionalidade dos atos que estão por vir e não uma adivinhação deles*³⁷.

Fica claro que não há como adivinhar o que acontecerá, no máximo posso ter ideia da direção para a qual a imagem que será criada poderá tomar, mas isso não significa que necessariamente essa direção será tomada. A antecipação «é um tipo de organização prévia das imagens no interior do esquema, esse é possível graças à similitude interna entre ditas imagens e não por sua forma exterior»³⁸. Certamente, tudo isto tem sentido para Bergson se falamos dos atos livres e não daqueles que são realizados pela força do hábito, pois aqui, também é importante a intenção de atuar, de decidir-se por uma via e não outra. Desse modo, o esquema vai ganhando corpo nas imagens e essas manifestarão a tendência do próprio esquema³⁹.

Apesar dos esquemas dinâmicos, intenções, etc., Bergson deixa claro que não é habitual estar inovando, pois isto requer esforço e normalmente

³⁶ *Ibid.*, p. 150.

³⁷ *Ibid.*

³⁸ *Ibid.*, p. 153.

³⁹ Cf. *Ibid.*, p. 151.

as pessoas deixam-se levar por ações automáticas e determinadas. Esse esforço da invenção requer dois tipos de movimento: horizontal e vertical. Pelo movimento horizontal o espírito passa pelas imagens, já pelo movimento vertical se busca a profundidade que vai do esquema à imagem. A maior parte das pessoas fica somente no movimento horizontal. Como exemplo, podemos pensar em diversos trabalhos acadêmicos que são realizados. Muitos se resumem a cópias de ideias ou organização de retalhos de diversos textos que foram elaborados por outros, mas alguns manifestam que o aluno efetivamente entrou em profundidade no tema proposto e refletiu sobre ele, inclusive podendo dar sua contribuição, mesmo que singela.

É importante ter presente que Bergson considera que a liberdade conhece graus, isto é, «não apresenta o caráter absoluto que o espiritualismo lhe fornece algumas vezes; ela admite graus»⁴⁰. Isto é muito próprio de cada pessoa no seu processo de amadurecimento, pois, antes de se chegar à invenção, serão diversos os estados de esforço intelectual pelo qual a pessoa passará. No exemplo dado acima, podemos dizer que inclusive para poder se chegar a escrever algo novo, todos tiveram que passar pela cópia de letras, depois de textos, repetição de ideias, compreensão de teorias, até invenção como autor de algo novo, eis o ato livre para Bergson.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A DURAÇÃO E A LIBERDADE

A filosofia de Bergson foi muito difundida, basta ver quantas vezes suas obras foram reeditadas em pouco tempo. O mundo vivia momentos novos marcados por inúmeras descobertas científicas e sob forte ascendência do estudo da psicologia, neurologia e psiquiatria. Nesse contexto, Bergson buscou uma resposta que conduzisse à verdade fugindo do posicionamento positivista - mecanicista - determinista.

Por meio da elaboração da ideia de *duração*, Bergson acreditou ter chegado a uma explicação razoável que justificasse a liberdade do

⁴⁰ BERGSON, H., 1963, p. 109.

homem e tirasse do centro do raciocínio a obrigatória especialização do tempo. Contudo, vários foram os filósofos que não estiveram de acordo com a exposição bergsoniana. Aqui farei uma breve menção a dois deles, buscando assim ilustrar algumas críticas feitas a Bergson⁴¹ e depois farei uma breve reflexão pessoal sobre o tema. Os filósofos que escolhi para apresentar suas críticas e observações sobre a filosofia de Bergson foram Jacques Maritain e Xavier Zubiri.

JACQUES MARITAIN

Jacques Maritain fez longa análise das obras de Bergson e, desde uma leitura tomista delas, elaborou uma forte crítica à filosofia bergsoniana. Nessa crítica, fundamentalmente estão presentes elementos metafísicos, mas também elementos antropológicos, morais, etc. Aqui, apresentarei alguns aspectos da crítica de Maritain sobre a intuição - duração e a evolução - liberdade.

INTUIÇÃO – DURAÇÃO

Segundo Maritain, Bergson assumindo como método a intuição, acabou deixando de lado os primeiros princípios sobre os quais se funda qualquer ciência humana e a própria linguagem humana. Não seria possível, seguindo o caminho aberto por Bergson, dizer sim ou não, pois o princípio de contradição estaria rejeitado no sistema bergsoniano. Ainda mais, Maritain indicará que no sistema bergsoniano há a tentativa de manter o sim e o não, sendo que o sim seria de tal superficialidade que já não seria real⁴².

A proposta de Bergson, na apreciação de Maritain, teria sido a de uma intuição experimental, isto é, um conhecimento vivido, sem intermediário entre o sujeito e o objeto, mas é necessário se ter em conta outro tipo de intuição, a saber, a intuição intelectual na qual «o conceito

⁴¹ Não entrarei na contenda de Bergson com Renouvier. Contudo, no *Essai*, na edição citada, pode-se encontrar a resposta de Bergson na nota de rodapé da página 155.

⁴² Cf. VIOTTO, P., *Jacques Maritain - Dizionario delle opere*. Roma: Città Nuova Editrice, 2003, p. 30-31.

faz de mediação entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido, e o juízo e o raciocínio intervêm para esclarecer quanto não estiver expresso pela intuição»⁴³.

Se na filosofia tomista a inteligência tem por objeto o ser, mas não se identifica com o ser como tal, já na filosofia bergsoniana a situação é outra, pois,

*a intuição [...] tem por objeto a duração, mas se identifica com o devir. A duração "é simplesmente o tempo, aquilo que se chama o tempo concreto e real". Essa duração, esse tempo são o tecido das coisas "eis, portanto, uma substância que não é uma coisa, uma substância que não é uma substância. Eis um ser que não é nada". Portanto, a intuição não pode chegar à verdade, porque a duração não é outra coisa que o não-ser afirmado*⁴⁴.

Se considero a duração como não-ser, coloco todo o sistema bergsoniano em questão!

EVOLUÇÃO – LIBERDADE

Na filosofia de Bergson não há como separar a teoria da vida e a vida do conhecimento, pois uma esclarece a outra, e ambas estão ligadas à natureza da evolução.

*Bergson estuda a gênese dos corpos e a gênese da inteligência, reconhecendo que a vida, ao contrário da matéria, que toma o rumo da necessidade e da espacialidade, vai em direção à unidade intensiva e rumo à liberdade, pelo que têm aproximadamente o mesmo sentido*⁴⁵.

Maritain dirá que esse modo de considerar a evolução acaba por colocar em pé de igualdade os homens e os animais, contudo há uma diferença

⁴³ *Ibidem.*, p. 30-31.

⁴⁴ *Ibid.*, p. 31.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 29.

específica entre um e outro, porque «a potência de escolha do homem é ilimitada, aquela dos animais limitada»⁴⁶.

J. Maritain identifica a liberdade bergsoniana com a espontaneidade. Não é colocado em dúvida que Bergson admita a liberdade, mas não pode justificá-la uma vez que afirma que não é possível definir o ato livre. A espontaneidade, na leitura de Maritain, seria uma força vital que age. A esta ficaria reduzida a liberdade humana.

Como mencionei, Maritain faz uma leitura tomista da filosofia de Bergson, por isso, é importante lembrar que para o Tomismo, a liberdade está colocada na relação entre o intelecto e a vontade, enquanto a vontade está subordinada à inteligência, a prática à teoria e a ação à verdade. A vontade está determinada pelo Bem Absoluto, mas o homem que vive em meio a bens limitados e parciais, vê-se livre para escolher este ou aquele bem. O livre-arbítrio, portanto, deriva da própria natureza humana e, segundo Maritain, pode ser perfeitamente explicado. Contudo, Bergson deixou em aberto a explicação específica do agir livre do homem⁴⁷ e colocou em questão o livre-arbítrio⁴⁸.

XAVIER ZUBIRI

Xavier Zubiri, na obra *Sobre el sentimiento y la volición*,⁴⁹ aborda o tema da liberdade. Em sua exposição, ele faz uma apresentação de algumas concepções usuais sobre a liberdade e classifica filósofos que buscaram

⁴⁶ *Ibidem.*, p. 29. Sobre esse mesmo tema desenvolvido por Maritain encontramos na obra de Pessina, Il tempo della coscienza, uma nota de rodapé muito interessante, citando Maritain, diz Pessina: «É aquilo que o próprio Maritain, referindo-se a um trecho de *Matière et mémoire* no qual parece que Bergson atribua também ao animal a liberdade, não pode não reconhecer, embora exprimindo a sua discordância sobre a parcialidade das teses bergsonianas: "Nós reconhecemos gratamente que a liberdade não é para Bergson somente a espontaneidade da vida dos sentidos, nós pensamos que para ele [...] a liberdade se confunde com a espontaneidade de toda a alma, inteligência e vontade, como sensibilidade – espontaneidade desta 'evolução racional' que conduz a uma 'síntese de sentimentos e de ideias'." (J. Maritain, *La philosophie bergsonienne*, cit., p. 342, n.1)» (Cf. A. PESSINA, *Il tempo*, nota 118, 290-291).

⁴⁷ Cf. VIOTTO, P., *Jacques Maritain*, p. 32.

⁴⁸ Sobre uma leitura que faz Maritain da filosofia de Bergson, também podemos encontrar na seguinte obra: J. MARITAIN, *La filosofia morale. Esame storico e critico dei grandi sistemi*. Brescia: Morcelliana, 1999, p. 489-522.

⁴⁹ ZUBIRI, X., *Sobre el sentimiento y la volición*. Madrid: Alianza Editorial – Fundación Xavier Zubiri, 1992.

falar da *liberdade de* e da *liberdade para*. Em linhas gerais, Zubiri diz que na concepção filosófica clássica, o homem é *livre-de* os apetites inferiores; já para Kant o homem é *livre-para* aquilo que deve ser e para Hegel o espírito absoluto é *livre-para* ser aquilo que concebeu que vai ser; ainda é feita menção a Heidegger, para quem o homem é *livre-para* o ser⁵⁰. E Bergson?

Na leitura zubiriana de Bergson, o homem aparece como vítima de todas as situações que concretamente a realidade lhe vai colocando e acaba por ficar indeciso no que fazer; contudo, por reconcentrar-se em si mesmo,

*fazendo uma espécie de tenteio sobre as possibilidades finais, esse processo dinâmico leva lentamente a um ponto tal, que realmente o homem se embarca em uma ação que não é distinta de mim mesmo, senão que sou eu mesmo colocado em marcha: isto seria a liberdade*⁵¹.

Segundo Zubiri, em sua leitura de Bergson, a essência da liberdade é exatamente o estar em marcha do homem. Mas será que é suficiente para falar da liberdade colocar ênfase somente sobre esse aspecto? Seria esta a essência da liberdade? Zubiri, como Maritain, vê na concepção bergsoniana unicamente uma referência à espontaneidade, mas crê que para falar da liberdade é necessário algo a mais, faz-se necessária «uma concepção unitária do ato livre, daquilo de que se é livre»⁵². De todos os modos, Zubiri elogia Bergson e os clássicos por terem colocado o problema da liberdade na realidade do homem e não fora dela.

É interessante que na lição que Xavier Zubiri ditou sobre Bergson, em Madrid no dia 28 de março de 1963, nenhuma crítica tenha sido feita a concepção bergsoniana. Isso manifesta o apreço que Zubiri teve por Bergson, apesar de manter algumas discordâncias com sua linha de pensamento⁵³.

⁵⁰ Cf. ZUBIRI, X., *Sobre el sentimiento*, p. 87-92.

⁵¹ ZUBIRI, X., *Sobre el sentimiento*, p. 88-89.

⁵² *Ibid.*, p. 89.

⁵³ Fruto desta e de outras quatro lições, foi publicado o volume já citado *Cinque lezioni di filosofia*.

BREVE ANÁLISE SOBRE A CONCEPÇÃO BERGSONIANA

Seria muita ousadia querer fazer uma análise crítica da proposta de Bergson em um artigo tão pequeno, como também inconseqüência pensar que com o acesso a uma literatura tão resumida poder-se-ia ter uma visão ampla e especializada da obra deste grande filósofo; contudo, tentarei fazer apreciações sobre alguns dos temas tratados por Bergson.

Primeiramente, no que diz respeito à *duração*, creio que a visão de Bergson sobre a necessidade de separar tempo-espaco foi genial. Efetivamente, por esse caminho são abertas portas para um desenvolvimento sobre o tema da liberdade e a necessidade de abandono do determinismo e do cientificismo. Da mesma maneira, é de se elogiar a visão tão humana dos degraus da liberdade. Lembrei-me das afirmações de São João Paulo II na Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* sobre a *lei da gradualidade e a gradualidade da lei*⁵⁴.

Já em uma análise mais precisa sobre o ato livre, considero que Bergson exagera na grande dificuldade que ele coloca para que possa se dar na vida das pessoas atos realmente livres, isto é, essas situações especiais que não se repetem com frequência. Penso que todos os dias temos que tomar as mais diversas decisões em nossas vidas. Certamente, muitas delas serão tomadas pela força do hábito, mas mesmo na força do hábito, há um relacionar-se do homem com as possibilidades que lhe são colocadas diante, que não fazem com que essa decisão seja unicamente automática. Se assim fosse, estaríamos equiparando o apropriar-me de possibilidades aos movimentos meramente anátomo-fisiológicos⁵⁵. Esses movimentos não dependem em nada do querer do homem, mas o apropriar-me de possibilidades, por mais que sejam corriqueiras, dependerá do querer do homem.

⁵⁴ «Por isso a chamada "Lei da graduação" ou caminho gradual não pode identificar-se com a "graduação da lei", como se houvesse vários graus e várias formas de preceito na lei divina para homens em situações diversas» (JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica Familiaris Consortio*. São Paulo: Paulinas, 1981, n. 34).

⁵⁵ A esse respeito é importante ter em conta a diferenciação clássica entre atos humanos e atos do homem. Sobre este tema, veja-se: KONRAD, M. *Dalla Felicità all'amicizia. Percorso di etica filosofica*. Città del Vaticano: LUP, 2007, p. 63-64.

As possibilidades que são colocadas ante o homem enquanto não forem assumidas por ele estarão no âmbito da irrealidade. É importante notar que aqui, quando faço referência à irrealidade, não quero falar de *não realidade*, pois este seria o conceito de arrealidade⁵⁶. A irrealidade é a realidade des-realizada que pode estar presente em uma obra de ficção na qual des-realizo a realidade apreendida e a organizo segundo um modo especial, mas também, é a realidade que se apresenta ante a pessoa e que não foi assumida por ela. Por exemplo, alguns escolhem estudar música e se especializam em instrumentos de sopro, outros em instrumentos de cordas, outros em instrumentos de percussão, etc. Enquanto a realidade não é assumida pela pessoa, essa realidade não se faz realidade nela. A partir do momento em que a pessoa se apropria da possibilidade que está ante ela, essa realidade passa a ser realidade na própria pessoa. Muito facilmente conseguimos identificar as pessoas dando qualificações, como: o jogador de futebol, o pianista, o violinista, etc. Todas essas possíveis apropriações de possibilidades vão requerer a adesão da vontade humana e, com isto, poderão deixar o âmbito do possível para se tornarem realidade efetiva, isto é, realidade assumida pela pessoa⁵⁷.

CONCLUSÃO

Através do percurso realizado, foi possível uma aproximação ao pensamento filosófico de Henri Bergson e, apesar da crítica feita a alguns elementos de sua filosofia, creio que se pode afirmar que sua filosofia, sobretudo no contexto de final do século XIX e início do século XX, foi desafiadora, pois, colocou a necessidade de se buscar novos padrões para uma séria análise da realidade do homem, uma visão da pessoa humana que não seja parcial.

⁵⁶ Utilizo o termo colocado por Zubiri, apesar de não existir na língua portuguesa.

⁵⁷ A reflexão que faço tem forte influência zubiriana. Nestas breves linhas fiz referência a temas que ele trata em diversas obras. Penso ser importante ressaltar sua trilogia, que é o cume de sua maturidade intelectual: *Inteligencia sentiente*, *Inteligencia y realidad*; *Inteligencia y logos*; *Inteligencia y razón*; também seu maior escrito de antropologia: *Sobre el hombre*, e finalmente, seu escrito sobre o moral: *Sobre el sentimiento y la volición*.

Infelizmente, os eventos da metade do século XX, principalmente a II Guerra Mundial, manifestaram que a visão do homem desde uma perspectiva espacial (geográfica, racial, ideológica) prevaleceram e, assim, a liberdade física foi tolhida a tantas pessoas que não entraram nos padrões exigidos pela busca de uma *raça pura*. Seria interessante refletir sobre a visão hegeliana de homem e tudo o que ele fala que é necessário para o desenvolvimento do *espírito absoluto*, mas fugiríamos ao nosso tema. Contudo, mesmo em meio aos tormentos sofridos por todos aqueles que viveram o horror dos campos de concentração, tivemos a ocasião de contemplar o caráter inventivo, criativo e livre do homem. Pessoas como Maximiliano Maria Kolbe e tantos outros que diante daquelas possibilidades que aparentemente não ofereciam nenhuma oportunidade para a manifestação da liberdade do homem, acabaram assumindo atitudes de tal modo criativas manifestando, que apesar da falta de liberdade física, há no homem algo de muito mais profundo que lhe permite viver as situações não somente num plano horizontal, mas também vertical. Bergson já falava da intuição horizontal e vertical.

Também em nossos dias, faz-se necessária uma reflexão que tenha em conta mais o caráter de qualidade que o de quantidade; mais a duração que a sucessão; mais a liberdade que a determinação. Faz-se necessário ter em conta os condicionamentos que nos estão presentes não querendo afirmar uma liberdade a todo custo que, em nome de não ter nenhum condicionamento, acaba por falsificar a própria natureza humana e dizer do homem aquilo que ele não é. Pelo contrário, é preciso assumir tudo aquilo que condiciona o homem e que se manifesta como imprescindível para que esse viva neste mundo, por exemplo, sua corporeidade com todas características inerentes a ela, também as sexuais, e, nesse contexto, reafirmar o caráter livre do homem em cada ação, reafirmar sua possibilidade de ser ator de suas ações e não mero espectador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, H. *Essai sur les données immédiates de la conscience*. Paris: Presses Universitaires de France, 1963.

DELEUZE, G. *El bergsonismo*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1987.

ÉTIENNE, J. *Bergson et l'idée de causalité*, published, em "Revue Philosophique de Louvain", 1989, 589–611.

JANKÉLÉVITCH, V. *Henri Bergson*. Brescia: Morcelliana, 1991.

JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Familiaris consortio*. São Paulo: Paulinas, 1988.

KONRAD, M. *Dalla Felicità all'amicizia. Percorso di etica filosofica*. Città del Vaticano: LUP, 2007.

MARITAIN, J. *La filosofia morale. Esame storico e critico dei grandi sistemi*. Brescia: Morcelliana, 1999.

PEÑA PÁEZ, L. M. *El acto de invención como acto libre en la filosofía de Henri Bergson. Una aproximación desde el Ensayo sobre los datos inmediatos de la conciencia*, em "Franciscanum" LV (2013), 135-161.

PESSINA, A. *Il tempo della coscienza. Bergson e il problema della libertà*. Milano: Vita e Pensiero, 1988.

_____. *Introduzione a Bergson*. Bari: Laterza, 2010.

ROMANO, C. *Le contingent, le libre, le nécessaire*, em "Revue Philosophique de Louvain", 2006, 75–102.

SAYEGH, A. *Bergson: o método intuitivo: uma abordagem positiva do espírito*, em URL: <<http://www.eupatheia.wordpress.com/2013/07/02/10/>> (em 02/05/2016).

VIOTTO, P. *Jacques Maritain. Dizionario dell opere*. Roma: Città Nuova, 2003.

ZUBIRI, X. *Cinque lezioni di filosofia*. Palermo: Edizioni Augustinus, 1992.

_____. *Inteligencia sentiente. Inteligencia y realidad*. Madrid: Alianza Editorial - Fundación Xavier Zubiri, 1980.

_____. *Inteligencia y logos*. Madrid: Alianza Editorial - Fundación Xavier Zubiri, 1982.

_____. *Inteligencia y razón*. Madrid: Alianza Editorial - Fundación Xavier Zubiri, 1983.

_____. *Sobre el hombre*. Madrid: Alianza Editorial - Fundación Xavier Zubiri, 1986.

_____. *Sobre el sentimiento y la volición*. Madrid: Alianza Editorial - Fundación Xavier Zubiri, 1992.